

Operadores Argumentativos de Machado de Assis

Josiane Pereira da Gama Cavalcanti¹

PG/PROFELETRAS/UEMS

Marlon Leal Rodrigues²

NEAD/UEMS

Resumo: O trabalho a seguir apresenta as informações norteadoras do processo de letramento, caracterizadas pela reflexão sobre a função social da literatura. O objetivo é estabelecer uma associação contextual dos operadores argumentativos na obra literária de Machado de Assis. Para tanto, foram acrescentadas considerações desenvolvidas ao longo do estudo orientado e das discussões relacionadas à significação semântica das palavras e à textualidade argumentativa. As metodologias de ensino se voltaram para a questão da equidade com relação à apresentação igualitária e humanista dos mais diversos temas a serem discutidos, já que o que se espera é um movimento progressivo de intencionalidade persuasiva sob o olhar de cada personagem em uma obra. A argumentação desenvolvida por meio da utilização de operadores possui um teor reflexivo, capaz de minimizar os efeitos da ausência de personalidade que afetam a sociabilidade humana. Esses efeitos de ausência provocam um afastamento nas relações, porque pretendem provocar o estranhamento diante dos fatos. Isso acarreta em um estilo próprio, que demanda uma análise das informações que considere os elementos necessários para a interpretação. Sendo assim, a utilização de uma conjunção, e seu funcionamento no interior do texto, considerando a intencionalidade, é capaz de produzir ato singular, agregando identidade própria. Além disso, esse funcionamento, que ocorre tanto na escrita como na oralidade, põe em questão o modelo organizacional atual. Vê-se que a pluridimensionalidade da argumentação no texto literário aparece como instrumento construtivo de conhecimento e de desenvolvimento humano integral.

Palavras-chave: Operadores; Argumentação; Texto literário.

Introdução

O texto é uma construção que se desenvolve a partir de uma intenção preliminar, fato que demanda que o interlocutor mobilize conhecimentos e habilidades relativos não apenas à competência leitura, mas, também aqueles que se desenvolvem por meio dos processos de letramento, a fim de que ele possa acessar, além da superfície textual, aquilo que funciona subjacente ao texto.

Tendo em vista a perspectiva teórica do letramento sobre a linguagem, a proposta desta pesquisa, voltada para a análise dos operadores argumentativos na obra

¹ Mestranda do *ProfLetras* da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Campo Grande-MS.

² Professor Doutor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Campo Grande-MS.

de Machado de Assis, se justifica, para além de sua abordagem realista, pela criticidade que o autor desenvolve sob uma escrita promotora de universalismo e de nacionalismo, que pode ser observada, por exemplo, em *Dom Casmurro*, que articula conceitos e dissemina diferentes pontos de vista que resultam no equilíbrio das convivências social e convencional.

O objetivo deste estudo é analisar como determinadas formas de significar legitimam a interpretação de textos que articulam diferentes propósitos e conteúdo das mais diversas áreas do conhecimento, tendo como base os postulados a respeito da composição do texto literário, especificamente do aspecto da intencionalidade.

A textualidade machadiana relata uma perspectiva histórica, mas também atitude crítica autoral por meio da relação escritor - obra. Essa criticidade é construída a partir da apropriação de métodos relativos aos processos de produção literária, criando a necessidade de compreensão de fatos e ações. Dentro desse contexto, os operadores argumentativos concorrem para a produção de determinados sentidos que centralizam o questionamento e organizam o raciocínio, desempenhando funções que podem tanto potencializar como deslocar os termos de significação.

Os textos muitas vezes estruturam-se em torno de recursos linguísticos e elementos textuais técnicos de conhecimento particular do autor. Se a linguagem funciona como mecanismo de interação social, transformando a organização da sociedade, é preciso reconhecer sua ação sobre o mundo, o que demanda o aspecto da intencionalidade, responsável pela situação de comunicação.

Fundamentação teórica

Compreende-se obra literária como sendo a criação ou produção que transmite uma intenção comunicativa do seu autor, com fins estéticos, a partir de recursos estilísticos e operadores argumentativos. Pensando no desenvolvimento desse tipo de prática de leitura, a obra *Dom Casmurro*, escrita por José Maria Machado de Assis, conhecido como Machado de Assis, contém elementos que transpõem os limites de tempo e de espaço, bem como possibilita uma pluralidade de interpretações possíveis, sobretudo no que se refere às questões e intrapessoais, o que atende aos propósitos aqui pretendidos.

Ademais, Machado, além de escritor, foi poeta e crítico de grande vulto, tendo gozado de importante reconhecimento no Brasil. Autor de uma obra extensa publicou 10 romances, mais de 200 contos, bem como folhetins, peças teatrais e crônicas, fato que enriquece a escolha da obra *Dom Casmurro* (1899) para o desenvolvimento do exercício analítico desta pesquisa. A partir da sua produção é possível estabelecer uma análise literária e pragmática a respeito da atuação dos operadores argumentativos, no que se refere ao controle por meio de palavras ou expressões persuasivas, bem como a respeito da promoção da assertividade intencional.

Em *Dom Casmurro* (1899), Machado de Assis desenvolve uma abordagem, cuja temática, característica do realismo, como os males e contrariedades da alma humana, é atemporal. O enredo do romance apresenta-se sob o olhar subjetivo do narrador-personagem Bento Santiago também conhecido como Bentinho –, que descreve fatos de sua experiência pessoal. Assim, através da visão do protagonista, pode-se observar o desenrolar dos acontecimentos e das emoções, tanto de ordem particular como de ordem coletiva.

O aspecto formal de *Dom Casmurro* se fundamenta sob a parcialidade suspeita do narrador Bentinho, personagem e parte interessada. A obra é escrita, intencionalmente, em primeira pessoa (o chamado narrador personagem); portanto, vigora apenas uma perspectiva, no que se refere aos juízos de valores articulados pela narrativa.

Pode-se afirmar que essa construção pretende dar destaque a um modo próprio de ver o mundo e empreender esforços a fim de persuadir terceiros de que aquela é a única maneira de se conceber os fatos. Isso pode ser corroborado pelo modo como a personagem Capitu é significada por Bento, o que constitui uma lição valiosa da ficção: a verdade é uma construção, construída por Machado que mobilizou todos os recursos estilísticos e operadores argumentativos necessários para direcionar os sentidos para essa conclusão.

Essa construção voltada para a valorização de um único ponto de vista se desenvolve por meio de marcadores de crítica que se referem à traição de Capitu. É preciso destacar que ao longo do tempo, consideradas as diversidades históricas e culturais, nem sempre houve dúvida sobre a fidelidade da personagem dos olhos de ressaca; o que ocorre, de fato, é a verdade estabelecida: Capitu traiu.

Desde a publicação do livro, em meados do século XIX, até por volta da década de 1960, as investigações “psicologizantes” aderiram frequentemente ao discurso de Bentinho, ao seu potencial retórico, que se estabelece por meio de uma narrativa que tem a intenção de condenar sua esposa, sem chances de defesa. A partir disso, “a dúvida se constituiu como elemento central da obra” (Caldwell, 1960). Nessa perspectiva, em *Dom Casmurro*, a dúvida transforma-se no maior enigma da literatura nacional.

A descontinuidade dos objetos desenvolvidos pelo olhar narrativo é induzida pela intencionalidade do autor, deixando entrever as posições, políticas e ideológicas que ele ocupa socialmente por meio das construções dos personagens. Esse exercício analítico-interpretativo acompanha as disparidades entre o conceito romancista e o aspecto realista, relacionados à experiência de leitura de cada indivíduo. Além disso, essa percepção também é notada pela presença e pela escolha de cada operador argumentativo estabelecido para as personagens.

A psicologia das personagens adquire enorme importância aos nossos olhos, exatamente porque é a psicologia de classes sociais inteiras, ou pelo menos de certas camadas sociais; e sendo assim, podemos verificar que os processos que se envolvem na alma das diferentes personagens são o reflexo consequente do movimento histórico a que pertencem (Bossi, 1999, p. 13).

Desse modo, aquilo que se entende por estereótipos, na medida em que dialoga com o espaço psicológico temporal, é bastante alargado, visto que o autor mensura as características composicionais, projetando-as em cada personagem pertencente ao enredo da obra. Tendo em vista a composição de uma personagem, é preciso destacar que os elementos que a caracterizam, física e psicologicamente, estão relacionados e desenvolvidos por meio de ações que envolvem a intenção persuasiva que se pretende materializar na obra.

Em *Dom Casmurro* (1899) é notável a presença da cultura patriarcal, representada pela figura de Bento Santiago; que, além disso, representa a elite, classe social mais abastada que goza de estabilidade financeira e defende as tradições da família, do trabalho e da propriedade privada. Sendo assim, seguindo as determinações do patriarcado, ele assume o comando do relacionamento afetivo.

Por outro lado, Capitu, de forma gradativa, demonstra divergências em relação a Bentinho, construindo personagens que desempenham ações quase que antagônicas. Ela é promotora de representatividade do feminismo e, ainda que ela aquiesça diante de várias questões, seu silêncio instala dúvidas sobre as convenções que orientam a realidade cultural. Talvez a própria intencionalidade do autor anseie pela renúncia da organização familiar e cultural vigente na época, pois já não há a preocupação, considerando a intencionalidade que direciona a narrativa, em seguir um padrão comportamental; diferentemente disso há uma força que subjaz naquilo que não foi dito e que condiciona a ação em busca da realização pessoal.

Capitu ambigualmente fala muito quando adota por seleção um conjunto de operadores argumentativos, os quais justificam cada atitude da personagem ao longo da narrativa. Esse fato comprova, por entre o conceito de pressuposto, que há textos que se sobrepõem uns aos outros, ou que figuram subjacentes à superfície textual no desenrolar contextual. É possível, inclusive, recorrer a análises anteriores a fim de adensar a reflexão proposta por esta pesquisa, como, por exemplo, a crítica desenvolvida pelo escritor Alfredo Pujol (1934):

Ardilosa e pérfida, acautelada e fingida, Capitu soube ocultar aos olhos do marido a sua ligação criminosa com Escobar. A verdade aparece a Bentinho esgarçada, a espaços, pelos fios tenuíssimos de coisas mínimas, que ele compara umas às outras, nas suas noites de insônia (Pujol, 1934, p.247-8 *apud.* Gualda, 2008, p.131).

Essa observação deixa em descoberto um dos vários juízos de valor que vigoravam na época. Nesse contexto, pode-se afirmar que Capitu um perfil representa o empoderamento feminino, o que contrariava os padrões sociais da sociedade época. *Dom Casmurro* (1899) é considerado como uma obra vinculada ao Realismo, escola literária pertencente à segunda metade do século XIX.

Segundo os estudos literários, o Realismo se caracterizava por contemplar a indagação romântica da época por meio de temáticas das quais emergiam assuntos como, problemas, defeitos organizacionais como adultério, dificuldades econômicas, ganância, manipulação da verdade, entre outros.

Para Bakhtin (2009), os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis e estão em constante processo de transformação. A intersubjetividade, que constitui uma das propriedades do pensamento bakhtiniano, nos permite compreender a relação entre língua, gênero e enunciado. O dialogismo é elemento importante para compreender essa perspectiva bakhtiniana, já que, a partir de sua compreensão como elemento constituinte da linguagem, é possível explicar o porquê de os locutores lograrem êxito em seus propósitos de comunicação, uma vez que é por meio dele que se reconhece a aparente estabilidade constitutiva dos gêneros; assim, as pistas textuais, os mecanismos linguísticos de articulação e a situação concreta é que definem os sentidos do texto.

No texto literário, o emprego dos operadores argumentativos, além de evidenciar o caráter de intencionalidade, pode ser compreendido por meio do estudo da morfologia, que amplia o conhecimento sobre a funcionalidade das palavras em um determinado período. Logo, os escritores exploraram de forma significativa esse recurso, ou, melhor dizendo, esse novo fazer estilístico, que acrescenta e enriquece o texto literário, direcionando os leitores para o acesso de uma dimensão existencial, antes representada em obras que não se tratavam de perspectivas do senso comum. Dito isso, é preciso ter em vista que existe um emprego voluntário dos operadores argumentativos, voltado para a composição narrativa das personagens. Sendo assim, o perfil de cada indivíduo é construído estrategicamente em torno de operadores argumentativos fortes.

Nota-se, portanto, que os operadores argumentativos são dispositivos essenciais, não apenas para a progressão textual como também são fundamentalmente responsáveis pelo entrecruzamento das vozes presentes na trama discursiva. É importante salientar a recorrência de outros recursos que orientam a argumentação do texto, porém, esses conectores permitem, de acordo com Adam (2008, p. 189), “uma reutilização de um conteúdo proposicional”.

Retomando a obra de análise, *Dom Casmurro* (1899), observa-se um novo arranjo no que se refere à concepção das personagens e ao método de composição do foco narrativo. Além da narrativa se desenvolver em primeira pessoa, Bento Santiago, o narrador-personagem do romance, também apresenta disjunção existencial: existe um eu-narrante, o Casmurro, homem maduro, solitário e amargurado, que resolve escrever a história de sua vida, e existe um eu-narrado, o jovem ingênuo Bentinho, cuja trajetória de vida é narrada pelo eu-narrante.

O narrador-personagem se dramatiza de um modo mais profundamente trágico – isto é, explorando mais o solilóquio shakespereano – porque a ambiguidade, o paradoxo e o conflito existencial que o tipificam como caráter se desdobram em uma fratura do ser. Tal fratura se revela de diversos modos e expressa as diferentes formas de representação da fragmentação do personagem.

Essa fragmentação pode ser observada nas páginas 807-944, quando cabeça, pernas e braços são apresentados como partes independentes do corpo, sem unidade entre si e sem relação com a consciência, conferindo a ideia de que o personagem se assemelha a um autômato. Ademais, sua consciência também apresenta uma cisão estrutural, também revela partes independentes e sem unidade e coerência: “tinha estremeções, tinha uns esquecimentos em que perdia a consciência de mim e das coisas que me rodeavam, para viver não sei onde nem como” (Assis, 1994, p. 845).

Por fim, dando nova volta na engrenagem que empreende a construção do caráter em *Dom Casmurro* (1899), a fragmentação de Bentinho se manifesta como cisão existencial e o personagem se apresenta, literalmente, como sendo dois:

Escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não escapei a mim mesmo. Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol (Assis, 1994, p. 885).

Tal descrição da personalidade e da consciência de Bentinho pode ser interpretada com um sinal de esquizofrenia (Senna, 1998, p. 93-103), mas, seguindo a lógica de argumentação aqui proposta, parece ser mais um quesito formal: a duplicidade conflitava da personalidade e da consciência de Bento, o que dramatiza mais plenamente a teoria do personagem de Machado de Assis, porque expressa todo o movimento do conflito interior da subjetividade em ato.

Essa é, aliás, como dito antes, a vantagem formal da narrativa em primeira pessoa, que se interessa em problematizar a personalidade fictícia: o narrador personagem não somente narra os movimentos de seu espírito, ele os expressa momento a momento, vivendo cada instante com intensidade profunda, dramatizando a si mesmo como dramatiza a linguagem para expressar-se.

Essa situação oferece um meio de compreensão da trama e da estrutura do romance, apresenta uma fratura interna se aceitamos o fato de que a fragmentação é uma qualidade constitutiva de sua existência, de sua consciência e de seu corpo. Além disso, não seria absurdo também aceitarmos que seu nome pode ser fragmentado. Neste caso, a analogia temática entre a obra de Machado e a de Shakespeare - objeto de análise de muitos estudiosos - pode ser analisada de outro ângulo. Já com relação à duplicidade de sentido, a citação a seguir evidencia este efeito: “se só me faltassem os outros, vá, um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo” (*Ibid.*, p.810).

Quanto à estrutura do romance, pode-se afirmar que, embora apresente uma totalidade bem acabada em si mesma, ela se mostra entrecortada por enunciações justapostas discordantes. Ou seja, embora Bento Santiago assuma a autoria e a narração do livro, apresentam-se indícios de que existe uma confluência de vozes autorais e narrativas implícitas em *Dom Casmurro* (Souza, 2006; Caldwell, 1960; Schüler, 1978). A comprovação disso aparece, por exemplo, quando Bento revela que a ideia de concepção do livro veio por sugestão dos personagens históricos pintados na parede de sua sala de visitas, ou quando diz ouvir vozes que lhe revelam o futuro:

Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras? [...]. Fiquei tão alegre com esta ideia, que ainda agora me tremeu a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo (Assis, 1994, p. 810-1).

[...] No quarto, desfazendo a mala e tirando a carta de bacharel em dentro da lata, ia pensando na felicidade e na glória. Via o casamento e a carreira ilustre, enquanto José Dias me ajudava calado e zeloso. Uma fada invisível desceu ali, e me disse em voz igualmente macia e cálida:

Tu serás feliz, Bentinho; tu vais ser feliz”

- E por que não seria feliz? perguntou José Dias, endireitando o tronco e fitando-me.

- Você ouviu? perguntei eu erguendo-me também, espantado.

- Ouviu o que?
- Ouviu uma voz que dizia que eu serei feliz?
- É boa! Você mesmo é que está dizendo...

Ainda agora sou capaz de jurar que a voz era da fada; naturalmente as fadas, expulsas dos contos e dos versos, meteram-se no coração da gente e falam de dentro para fora. (*Ibid.*, p.906-7).

A partir da análise dos trechos citados, nota-se uma forma distinta de composição do personagem; ele figura como incapaz de mudar sua vida, conformado com tudo que lhe passa, o que revela suas lacunas, tornando possível interpretá-las, tanto por meio da fala do narrador, quando ele descreve os fatos conforme a sua compreensão, como por meio das entrelinhas do discurso, as quais revelam os limites de sua compreensão. Dentro dessa perspectiva, o gesto de interpretação que o leitor crítico deve pôr em prática é sugerido pelo próprio narrador: “é que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim, preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas” (*Ibid.*, p. 871). Ainda no contexto da análise, a narrativa em primeira pessoa permite a Machado de Assis variar a técnica de construção dos personagens e explorar mais as possibilidades de efetivá-la, isto é, torná-la um princípio de dramatização dos caracteres.

Quando vertida em princípio de construção da personalidade do narrador, a coerência formal confere suporte à personalidade profunda, complexa, paradoxal e conflitiva, que fundamenta a constituição “moral” do personagem, diversificando e ampliando a técnica e a teoria.

Metodologia de pesquisa

Na obra *Dom Casmurro* (1899), as personagens são descritas de acordo com a aparência física, mas o que sobressai é a dimensão psicológica. Essa forma de descrição, denominada funcional, é uma característica da escola literária Realista.

A memória e as relações que podem ser estabelecidas por meio dela também constituem uma forma particular de estruturar a narrativa. O narrador, ao recordar seus momentos amorosos com Capitu, reflete sobre essa relação entre memória e *pathos*: “Talvez abuso um pouco das reminiscências osculares; mas a saudade é isso mesmo: é o passar e repassar das memórias antigas”, (Assis, 1997, p.76).

A memória liga-se também ao esquecimento e à fantasia, pois nem sempre os fatos passados estão à disposição daquele que rememora. Isso confere caráter lacunar às memórias, já que elas nunca são completas, pois, ainda que estejam ligadas a fatos passados, jamais os substituem inteiramente, apenas reproduzem parte deles por intermédio daquilo que os sentidos puderam captar durante os acontecimentos.

Considerando as características de composição das personagens e do foco narrativo, é possível identificar as transformações operadas pelo Realismo, conforme pode ser observado pela descrição de uma das personagens mais importantes da narrativa, Capitu, mulher de Bentinho.

[...] criatura de 14 anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, [...] morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo... calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos (Assis, 1899, p.30).

A descrição, que mistura as memórias mais subjetivas do narrador a respeito dos acontecimentos e suas impressões a respeito de Capitu, segue orientando os sentidos do leitor, instalando um efeito de surpresa: “Fiquei aturdido. Capitu gostava tanto de minha mãe, e minha mãe dela, que eu não podia entender tamanha explosão” (*Ibid.*, p.29).

Segundo José Dias, Capitu possuía “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, mas para Bentinho os olhos pareciam “olhos de ressaca [...]”. Traziam não sei que fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca” (*Ibid.*, p.35).

A partir dessa descrição sobre os olhos de Capitu, percebe-se a construção de um estereótipo cuja personalidade revela-se indigna de confiança, fútil, ambiciosa e que vislumbra *status* social e riqueza. Isso demonstra como o emprego da linguagem apresenta formulações que articulam sentidos relativos ao jogo da conquista entre Bentinho e Capitu por meio da técnica descritiva, que ao longo do enredo gira em torno de Capitu, que chama mais a atenção do leitor do que o protagonista Bentinho.

Já o personagem Bentinho é um dos protagonistas, juntamente com Capitu. Bentinho tem sua conduta construída sob a ideia de anti-herói; sua pretensão não era ser padre, como prometera a sua mãe, na verdade, sua intenção era se casar com Capitu, paixão que alimentava desde a infância. Durante o desenrolar da narrativa, as discussões se desenvolvem ora em torno do desejo por Capitu ora em passagens que resgatam as preocupações da infância e da juventude até a maturidade, quando o narrador adquire uma personalidade fechada, permanecendo sozinho e amargurado. Essa mudança advém das recordações de um passado que o atordoa, fazendo dele uma pessoa solitária.

A recuperação das memórias da infância de Bentinho evidencia como certos aspectos de sua personalidade foram prejudicados pela superproteção de sua mãe, de seu tio Cosme, de sua prima Justina e do agregado José Dias. Esse tratamento transformou Bentinho em uma pessoa totalmente insegura e sem capacidade de se responsabilizar pelas suas escolhas e de resolver seus próprios problemas. Tal insegurança foi precursora de toda desconfiança, assim como dos ciúmes que levaram à suspeita de adultério.

Machado de Assis claramente buscou inspiração nas esferas psicológicas e sociais que condicionam os comportamentos e constituem as ações humanas. Nessa perspectiva, ele estabeleceu um modo de representar as dúvidas interiores, considerando, para tanto, a necessidade de representar as relações do indivíduo consigo mesmo, o que pode ser corroborado pela afirmação a seguir:

Víamos aparecer na nossa língua um realismo sem rebuço, sem atenuações e sem melindres. [...] não se conhecia no nosso idioma aquela reprodução fotográfica e servil das coisas. [...] porque a nova poética é isto, e só chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato de fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha (Assis, 1994, p. 904).

A crítica de Machado é uma das muitas críticas em relação à produção estética. Direcionada à poética do Realismo, a crítica se volta para um certo tipo de performance da linguagem que faz uso exacerbado de clichês com o objetivo de construir meios de representação da realidade, a partir dos quais se fundamenta uma crítica social, entretanto, esse tipo de construção descuida da coerência interna do universo construído.

Nesse sentido, é possível afirmar que Machado de Assis procura legitimar sua preferência por uma forma de romance em que a narração dramatiza a ação da vida interior dos personagens em detrimento da narração, já que focaliza o processo interno do sujeito, a fim de personificar as referências sociais.

Em suma, as preocupações estéticas de Machado de Assis possuem dupla consideração, uma mais visível, que delimita uma poética do romance baseada na composição e na análise dos caracteres, considerada por ele “uma das partes mais difíceis do romance, e ao mesmo tempo das mais superiores” (Assis, 1899, p.17). Por outro lado, a poética defendida por Machado é aquela baseada na dramatização da vida interior, capaz de penetrar os desvãos da alma humana, de sondar as contradições e os conflitos íntimos, tal como podemos encontrar em sua obra de ficção.

Machado de Assis utiliza em suas obras um mecanismo que confere embasamento para a construção de novas análises em torno de palavras de ordem como, pluralismo, hibridismo e diferenciação, a fim de substituir aquelas interpretações que se encerram em torno de estereótipos, os quais distanciam a pessoa humana de sua identidade. Essas novas perspectivas estimulam os debates com a temática multiculturalista do papel da mulher na história, na arte, e principalmente na literatura; fato que demonstra urgência em ser considerado por parte de intelectuais feministas e grupos interseccionistas de todas as épocas.

O romance *Dom Casmurro* (1899) está orientado para uma estética que amplie as pautas de movimentos que visam transformar a cultura impregnada de distorções a respeito das personalidades femininas que desempenham papel de protagonistas. Dessa forma, existe uma reprodução contínua, tanto em relação ao uso como em relação ao desuso, de expressões como, por exemplo, “representatividade feminina”, pautada pelo senso comum histórico e patriarcal.

Todavia, a despeito de Machado de Assis estar constituído como sujeito afetado pelo imaginário de irrelevância da mulher, ele busca transformar a política de classes por meio da desterritorialização das posições-sujeito. Em decorrência disso, foi criticado por suas produções que destacavam as capacidades femininas. Dito isso, torna-se necessário refletir a respeito das diferenças como dimensão transformadora da sociedade e não como estímulo para a reprodução de discursos que articulem o sentido de neutralidade da mulher.

As mulheres, até então silenciadas e marginalizadas, foram impulsionadas a emancipar-se no campo literário e a lançar questionamentos sobre os discursos hegemônicos, desnudando-lhes o modo de funcionamento, desmascarando os processos de naturalização das diferenças hierarquizadas de gênero e, conseqüentemente, problematizando o cânone literário estabelecido. Sendo assim, conforme aponta Lúcia Zolin (2007), essas conquistas, obtidas por meio do movimento feminista, não garantem a igualdade entre os sexos almejada pelas mulheres, mas, promovem um novo modo de se fazer literatura a partir da perspectiva da mulher, quase sempre feminista.

É necessário destacar que o conceito de representação é passível de várias acepções; portanto, polissêmico, abstrato e instável. Etimologicamente, a palavra, de origem latina e oriunda do vocábulo *repraesentare*, designa “tornar presente” ou “apresentar de novo”. De acordo com Roger Chartier (2011),

[...] o conceito de representação reforça a ideia anteriormente apresentada de, por meio de palavras ou imagens, tornar presente algo que está ausente, sendo a palavra entendida como “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é” (Chartier, 1990, p.10).

Nesse sentido, é a partir do discurso proferido, imbuído de um sistema de valores ideológicos de uma dada sociedade, que o indivíduo, vitimado pelas amarras sociais, passará a agir, aceitar e, conseqüentemente, desempenhar a representação lançada em sua identidade e em seu corpo. Entende-se, portanto, que através dos modelos simbólicos engendrados pelos discursos ideológico-culturais se estabelecem meios de controle e organização do comportamento do indivíduo na sociedade, os quais se refletem automaticamente em sua representação social.

É por meio da própria representação que são assinaladas e refletidas as relações do indivíduo com o mundo social. Além disso, as representações são consideradas variáveis e determinadas pelos discursos dos grupos sociais que as instituem, nos quais as relações de poder e de dominação estão constantemente presentes.

Resultados e discussão

Pode-se afirmar, portanto, que a obra de Machado, a partir do emprego dos operadores argumentativos, promove um afrouxamento da crença baseada nas boas ações ou na qualidade delas; ângulo de visão que questiona a conduta humanística dos personagens quanto ao aspecto econômico, social, jurídico e político. Uma literatura liberta de padrões coloca o leitor num movimento de cumplicidade, a fim de solucionar a trama que apresentada no decorrer da história.

Esse fato permite identificar os gêneros textuais que circulam nas práticas sociais, e por meio dos quais os enunciados se organizam. Dentro dessa perspectiva, as palavras de Bakhtin ([1952] 1992) esclarecem que:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (Bakhtin, [1952] 1992, p. 279).

Desse modo, o enunciado evidencia um planejamento sobre o efeito pretendido, ou por assim dizer, evidencia a intencionalidade de cada escolha formal a partir dos recursos linguísticos do sistema da língua. Tendo em vista essas possibilidades de escolha e de combinação das unidades formais da língua, pode-se afirmar que esse processo de seleção encerra questões estilísticas, as quais conferem não só aspectos particulares relacionadas ao estilo, mas também circunscrevem um processo de construção social consciente da intersubjetividade da linguagem.

As conjunções funcionam como articuladores entre palavras, expressões e frases que constituem o enunciado, cujo principal objetivo é unir elementos ou orações dentro do período. A respeito dessa função, Bechara (2001) comenta que:

Conector e Transpositor - A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado. Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: coordenadas e subordinadas (Bechara, 2001, p.319).

Nota-se, então, que as conjunções operam nas práticas de coesão e de coerência durante todo o processo de escrita, desencadeando uma amarração harmoniosa de progressão do texto; sendo assim, a presença de conjunções possibilita uma maior compreensão do que é veiculado no enunciado e evita a ambiguidade. A aplicação assertiva dos conectores assume valor semântico no interior do funcionamento analítico do texto, além de serem caracterizados gramaticalmente como uma das classes de palavras.

Dos elementos que podem ser destacados por meio do contexto analítico estão os elementos de marcação discursiva. Eles são expressões linguísticas que possuem relação direta com o efeito de sentido de um texto, contribuindo para uma junção articulada capaz de promover textualidade e auxiliar no processo de interpretabilidade.

Os segmentos são equiparados por meio de conjunções/ locuções conjuntivas para garantir sequência lógica discursiva; elas conferem a possibilidade de formular frases, orações e períodos que se organizam em parágrafos. Toda essa articulação é responsável por estabelecer a interpretação dos enunciados, acionando, dessa forma, as funções cognitiva, enunciativa e argumentativa.

Para facilitar a compreensão da intencionalidade autoral na caracterização dos personagens, tanto na fala quanto na escrita, para além das ações desenroladas ao longo do enredo, foi destacado o uso de conectores nas articulações frasais dos enunciados. Para tanto, eles foram organizados por classificação e com destaque em negrito.

Exemplos:

Aditiva: “— Não importa, continuou Capitu; dirá agora outra coisa. Ele gosta muito de você. Não lhe fale acanhado. Tudo é que você não tenha medo, mostre que há de vir a ser dono da casa, mostre que quer **e** que pode.” (Assis, 1899, p. 21).

Adversativa: “— *Papai naturalmente há de querer ir também, mas é melhor que ele vá à casa do padre, é mais bonito. Eu não, que já sou meia moça, concluiu rindo.*” (Assis, 1899, p. 41).

Alternativa: “— *A separação é cousa decidida, redargüi pegando-lhe na proposta. Era melhor que a fizessemos por meias palavras ou em silêncio;*” (Assis, 1899, p. 41).

Conclusiva: “— Pois eu não gosto deles, replicou ela com aspereza.” (Assis, 1899, p.116).

É preciso destacar que o emprego dos conectivos, como recurso estilístico, concretiza a seleção lexical, evidenciando sua marca discursiva na atribuição de determinado signo linguístico, de modo especial no texto literário, no transcorrer do romance monofônico e psicológico *Dom Casmurro*, publicado em 1899. Ademais, Bechara (2009, p. 319) define a conjunção coordenativa como um conector: “Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também “conectar” duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional e, dentro do mesmo enunciado.”

Ao abandonar a estrutura convencional, Bechara insuflou em sua gramática um toque de contemporaneidade, revolucionando a forma pela qual o texto pode ser edificado. Nesse sentido, o componente pragmático se alinha ao molde abraçado pelo conteúdo textual, o qual se entrelaça com o interlocutor e sua vivência intelectual enquanto ser inserido em seu contexto.

Segue abaixo um trecho do texto de *Dom Casmurro* (1899, p. 132) para efeito analítico:

—Só se pode explicar tal injúria pela convicção sincera; entretanto você que era tão cioso dos menores gestos, nunca revelou a menor sombra de desconfiança. Que é que lhe deu tal idéia? Diga,— continuou vendo que eu não respondia nada, — diga tudo; depois do que ouvi, posso ouvir o resto, não pode ser muito. Que é que lhe deu agora tal convicção? Ande, Bentinho, fale! fale! Despeça-me daqui, mas diga tudo primeiro.

—Há cousas que se não dizem.

—Que se não dizem só metade; mas já que disse metade, diga tudo.

Tinha-se sentado numa cadeira ao pé da mesa. Podia estar um tanto confusa, o porte não era de acusada. Pedi-lhe ainda uma vez que não teimasse.

Fonte: Dom Casmurro (1899, p. 132).

Neste trecho, o autor utiliza os conectivos “entretanto” e “mas”, ambos de função adversativa, para exprimir um efeito estilístico de oposição entre ações aparentemente inconciliáveis: a contradição entre os adjetivos “convicção e desconfiança”, também ocorre entre os verbos “despeça e diga”, para refletir a necessidade de Capitu se apegar a uma explicação que justificasse a atitude de Bentinho, ainda que isso contrariasse o que havia percebido presencialmente pela sua postura e pelo seu silêncio. Observamos a ocorrência do emprego da figura de linguagem antítese no uso de expressões com ideias opostas, sendo elas: “respondia nada - diga tudo”, que reforça a estratégia intencional construída no texto.

A materialidade da obra reforça o aspecto do contexto histórico do século XX, no qual a obra está inserida e que se pauta na ideia da literatura pessimista, uma vez que, neste contexto, o homem precisa sofrer para estabelecer conexão ou obter redenção por seus atos, logo a obra *Dom Casmurro* contribui para essa percepção com suas características de romance psicológico.

Além disso, a personagem Capitu é retratada com uma observação significativa sobre seu poder criativo e curiosidade. Ela também se destaca pelos seus "olhos de cigana oblíqua e dissimulada". Em suas falas, as marcações ressaltam o uso de conectivos que entrelaçam as sentenças, validando assim sua postura como uma mulher inteligente, proativa e à frente de seu tempo.

Considerações finais

Neste artigo, examinou-se o papel desempenhado pelos conectores em termos de significado pragmático e semântico na obra literária, com destaque para a interação discursiva entre os personagens Bentinho e Capitu no romance *Dom Casmurro* (1899).

O enredo desse livro aborda o lugar da mulher na sociedade, levando em conta tanto seu contexto histórico quanto suas particularidades enquanto figura atuante. Considera-se, aqui, a influência contextual das dimensões temporais, culturais, históricas e sociais que moldaram o século XIX, período no qual a obra foi concebida.

Dentro desse contexto, *Dom Casmurro* (1899) pode ser classificado como um romance realista que reflete a análise psicológica; narrado em primeira pessoa pelo

personagem Bentinho, o texto atrai os leitores pela linguagem descritiva e voltada para a subjetividade das ações, o que engrandeceu a literatura brasileira, uma vez que o Brasil ainda sofria grande influência europeia, se fazendo importante a demonstração de uma obra literária própria, pensada no contexto socioeconômico brasileiro.

A análise a respeito dos conectores busca examinar a marcação linguística subjacente e encaminha-se em direção a uma tendência contextual, que se manifesta de maneira mais intrincada por meio desses conectores. Essa abordagem visa conferir coesão e coerência textuais, em consonância com os objetivos delineados pelo autor. Além disso, leva em consideração o conhecimento prévio do leitor, de maneira sutil, direcionando-o habilmente em direção ao efeito persuasivo de promover o papel humanístico na literatura.

A forma de utilização e de articulação frasal, mediadas pelos conectores, promovem meios para a obtenção de interpretabilidade, assim como para a organização do sentido global do texto. Nessa perspectiva, tanto a prática da pesquisa quanto sua análise foram pautadas na obra Machadiana, a qual deu suporte eficaz para o estudo linguístico. Além disso, foram mobilizados conhecimentos e atributos relacionados à linguística textual, no que diz respeito ao uso da língua, à gramática, ao discurso e ao contexto sintático-semântico.

Com vistas para uma melhor descrição analítica da obra, foram utilizados exemplos retirados diretamente do romance, o que se mostrou essencial para fomentar e ressaltar o gênero textual literário, conferindo-lhe um valor interpretativo e analítico significativo. Isso, por sua vez, incorpora uma complexidade que não apenas envolve a compreensão, mas também a habilidade de criar um impacto com um alto grau de articulação entre as orações. Essa abordagem abrange a análise do perfil psicológico das personagens, uma vez que a seleção deliberada dos marcadores dialógicos ao longo da obra oferece uma compreensão mais profunda sobre esses personagens.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado. Dom Carmuro, Rio de Janeiro: Record, 2001.

Amossy, R. (2016). *A interação argumentativa no discurso literário: da literatura das ideias ao relato de ficção*. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 29, n. 2, p. 5-41, dez.

Bakhtin, M. (Voloshinov). (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

Bakhtin, M. (2009) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. SP: Hucitec.

Koch, I. V. (2002). *Argumentação e linguagem*. 7. ed. São Paulo: Cortez.

Perelman, Chaïm; Olbrechts-Tyteca, Lucie. (1996). *Tratado da argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fonte.

Silva, Klyvia Larissa de Andrade. *Formar Leitores: um desafio da escola*. Revista ABC Educatio, p. 42-46.

Silva, I. F. de O. (2013). *O lugar discursivo do discente em produções textuais acadêmicas: uma questão de autoria?* Recife, 2013. 211 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco.

Toulmin, S. (2001). *Os usos do argumento*. (Trad.) Guarany, Reinaldo São Paulo: Martins Fontes.

Para Citação:

CAVALCANTI, Josiane Pereira da Gama e RODRIGUES, Marlon Leal. **Operadores Argumentativos de Machado de Assis**. In: Web-Revista Discursividade, Estudos Linguísticos, Volume 27, ISSN 1983-6740, Janeiro/2025. Pp. 12-30. Consultar no Portal de periódicos científicos da Editora e Livraria Pantanal, <http://ojs.pantanaleditoraelivraria.com.br>